

Capítulo 8

PERCEÇÃO DE RACIONALIZAÇÃO, PERCEÇÃO DE ETNICIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE RELAÇÃO COM A SOCIEDADE PORTUGUESA

Diniz Lopes e Jorge Vala

No capítulo anterior, analisámos a imagem que os jovens negros constroem dos portugueses “brancos” e a forma como essa imagem é influenciada pelas percepções de discriminação. A pergunta que nos colocamos neste capítulo prende-se com a percepção de diferenças culturais e as consequências dessa percepção nas estratégias de relação dos jovens “negros” com a sociedade portuguesa.

Num outro estudo (Vala, Brito e Lopes, 1999), mostrámos que os portugueses consideram que os “negros” são diferentes não já tanto por pertencerem a uma “raça diferente e inferior”, mas especialmente por possuírem valores culturais diferentes. Mostrámos, também, que esta percepção de diferença se encontra associada a uma atitude mais negativa relativamente aos negros ou, dito de outra forma, que a diferenciação cultural transporta consigo uma clara intenção de inferiorização e discriminação subtil das pessoas negras. No presente capítulo, analisamos a percepção de racialização por parte dos jovens “negros” (isto é, a sua pertença a uma raça diferente e inferior) e a percepção de etnicização (ou seja, a sua pertença a uma cultura diferente e inferior), bem como a influencia dessas percepções nas suas estratégias de relação com a sociedade portuguesa.

1. Percepção de racialização

O discurso científico sobre a raça e as diferenças raciais constituiu-se como uma ideologia de justificação de impérios coloniais e de genocídios. Apoiado, numa primeira fase, pela biologia e pela antropologia física (cf., Bracinha-Vieira, 1996) e, numa segunda fase, pelas próprias ciências sociais e humanas (por exemplo, a psicologia; cf. Billig, 1981), o “racismo científico” defende a ideia de que há grupos humanos geneticamente diferentes, isto é, que existem genes específicos de uma raça e não de outra; a ideia de que podemos estabelecer associações entre diferenças fenotípicas (por exemplo,

a cor da pele) e diferenças mais profundas (por exemplo, as capacidades intelectuais); e a ideia de que existe uma hierarquia entre os grupos humanos.

Este discurso científico foi apropriado pelo senso comum e gerou uma representação social sobre as diferenças entre os grupos humanos, baseada em diferenças biológicas, em diferenças na ascendência desses grupos, na sua separação "natural" e na deseabilidade dessa separação (cf., Allport, 1954; Lemaine 1974). Estas crenças permanecem. Como é visível nos resultados do Eurobarómetro de 1997, 38% dos Europeus afirmam que para eles "é difícil aceitar ter descendentes de membros de grupos de outra raça, religião ou cultura".

A pergunta que nos colocamos neste capítulo é a de saber se os jovens "negros" se sentem racializados e etnicizados pelos portugueses "brancos", se esta racialização ou etnicização é sentida como uma forma de discriminação, e se tem consequências ao nível do seu bem-estar psicológico e nas estratégias de relação com a sociedade portuguesa.

Percepção de racialização e discriminação dos jovens "negros"

No nosso questionário, confrontámos os inquiridos com um certo número de indicadores de racialização, e perguntámos qual a percentagem de portugueses que, na sua opinião, concordariam com cada um dos indicadores¹.

Como se pode observar através da leitura do Quadro 8.1, as respostas dos jovens "negros" a estas perguntas são, na sua maioria, superiores ao ponto médio da escala², ou seja, estes jovens consideram que mais de 50% dos portugueses "brancos" racializam os negros. Contudo, estas respostas são mais extremadas do que as respostas efectivas dos portugueses "brancos" às mesmas questões, isto é, estes manifestaram, em média, de forma aberta menos preconceito racista flagrante do que aquele que os jovens

-
- 1 "Qual a percentagem de portugueses "brancos" acha que respondem "sim" às seguintes questões: sentia-me incomodado(a) se um filho(a) meu casasse com um "negro(a)" e os meus netos fossem "mulatos"; excludo a hipótese de ter relações sexuais com um(a) "negro(a)"; considero que os "negros" pertencem a uma raça menos dotada; importo-me que um familiar meu case com um(a) "negro(a)" de meio social semelhante. Estes itens foram adaptados da escala de racismo flagrante-subtil de Pettigrew e Meertens (1995).
 - 2 Ponto médio da escala - 50%. Incomodidade por um filho casar com um "negro(a)" e os netos serem "mulatos": $t(390) = 19.28, p < 0.00$; excluir a hipótese de ter relações sexuais com um(a) "negro(a)": $t(389) = 5.44, p < 0.00$; considerar que os "negros" pertencem a uma raça menos dotada: $t(389) = 9.80, p < 0.00$; $t(387) = 1.66, p < 0.10$; importar-se que um familiar case com um "negro(a)" de meio social semelhante: $t(378) = 11.64, p < 0.00$.

Quadro 8.1 Indicadores de percepção de racialização (percepção dos jovens "negros" relativamente às respostas dadas pelos portugueses "brancos" e resposta efectiva destes às mesmas questões)

	Incomodado se um filho meu casasse com um "negro" e os netos fossem "mulatos"	Excluiu a hipótese de ter relações sexuais com um "negro"	Considero que os "negros" pertencem a uma raça menos dotada	Importo-me que um familiar meu case com um "negro" de meio social semelhante	Indicador de percepção de racialização ⁴
Respostas dos jovens "negros" (médias)	71.9%	57.1%	63.3%	52.2%	61.2%
Percentagem de resposta dos portugueses "brancos" ⁵	45.9%	38.7%	28.4%	16.4%	32.4%

"negros" consideram³. Note-se, a título de exemplo, a diferença, em termos percentuais, entre os inquiridos e os portugueses "brancos" nas respostas sobre "rejeição de contacto íntimo" e sobre os "negros" pertencerem a "uma raça menos dotada".

Mas será que esta resposta dos jovens se reduz a uma mera enunciação, ou será uma percepção de discriminação ou preconceito racista?

Como se pode observar no Quadro 8.2, a percepção de racialização surge associada a outras formas de percepção de discriminação, especialmente aos indicadores de discriminação pessoal e grupal, mostrando que

Quadro 8.2 Correlações entre percepção de racialização e percepção de discriminação

	Discriminação pessoal	Discriminação grupal	Privação relativa salarial	Privação relativa institucional	Injustiça procedimental
Percepção de racialização	0.22 p < 0.00 N = 379	0.29 p < 0.00 N = 361	0.14 p < 0.01 N = 370	0.21 p < 0.00 N = 373	0.24 p < 0.00 N = 367

3 Incomodidade por um filho casar com um "negro(a)" e os netos serem "mulatos": $t(390) = 22.84$, $p < 0.00$; excluir a hipótese de ter relações sexuais com um(a) "negro(a)": $t(389) = 14.03$, $p < 0.00$; considerar que os "negros" pertencem a uma raça menos dotada: $t(389) = 25.77$, $p < 0.00$; importar-se que um familiar case com um "negro(a)" de meio social semelhante: $t(387) = 26.30$, $p < 0.00$.

4 Este índice foi construído a partir da soma relativa das crenças na diferenciação racial (presente questionário: $\alpha = 0.71$; média das correlações entre variáveis: $r = 0.38$; questionário anterior: $\alpha = 0.67$).

5 cf., Vala *et al.* (1999).

quanto mais estes jovens se sentem racializados mais percebem que são discriminados.

Por outro lado, podemos verificar, também, que a percepção de racialização encontra-se associada, ainda que de forma moderada, a outros indicadores de discriminação, tais como a privação relativa institucional, a injustiça procedimental e a privação relativa salarial. Estas correlações mostram que quanto maior a percepção de racialização, mais os jovens se sentem discriminados nos salários que auferem e mais sentem que são tratados de forma injusta pelas instituições portuguesas.⁶ Em suma, estes resultados mostram que a percepção de racialização é claramente percebida como uma forma de discriminação e de inferiorização.

Relativamente às origens destas percepções, e no contexto do modelo da identidade social (Tajfel, 1978) já apresentado no Capítulo anterior e no Capítulo 4, formulamos a hipótese de que a identificação com a categoria "português" estará associada a menor percepção de racialização do que a identificação com categorias que remetem para a origem africana dos inquiridos. Os resultados confirmam esta hipótese, isto é, são os indivíduos que se identificam com Portugal os que menos percebem que são racializados⁷.

Podemos, agora, perguntar-nos sobre as consequências da percepção de racialização. No Capítulo anterior, apresentámos dois modelos para análise das consequências da percepção de discriminação – o modelo da invalidação de juízos e comportamentos discriminatórios (Crocker, & Major, 1989; Schmader, Major, & Gramzow, 2001) e o modelo da "justificação do sistema social" (Jost, & Banaji, 1994). Na sequência destes modelos, colocámos a questão de saber se a percepção de racialização tem consequência sobre o bem-estar psicológico dos jovens e sobre a forma como se sentem na sociedade portuguesa?

Para a análise desta hipótese, realizámos análises de variância tomando como variável independente a percepção de racialização⁸, e como variáveis dependentes os indicadores de bem-estar psicológico dos jovens negros (isto é, a satisfação com a sua vida, a satisfação por viver em Portugal, o stresse e a auto-estima⁹). Estas análises são apresentadas na Figura 8.1.

Como se pode observar, as consequências da percepção de racialização são visíveis ao nível da satisfação dos jovens relativamente à sua vida e à

6 Quanto mais elevados os valores dos indicadores de privação relativa intergrupala, privação salarial, privação institucional e justiça procedimental, maior o sentimento de privação.

7 $F(4, 352) = 6.05, p < 0.00$; $M_{\text{Africano}} = 63.01a$; $M_{\text{País de origem}} = 62.71a$; $M_{\text{Português}} = 37.69b$; $M_{\text{Luso-africano}} = 59.18a$; $M_{\text{Racial (negro)}} = 61.45a$; categorias de identificação com letras diferentes são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffé, $p < 0.05$).

8 Este indicador foi construído separando as respostas dos inquiridos acima e abaixo da média.

9 Estes indicadores foram já apresentados no Capítulo 3.

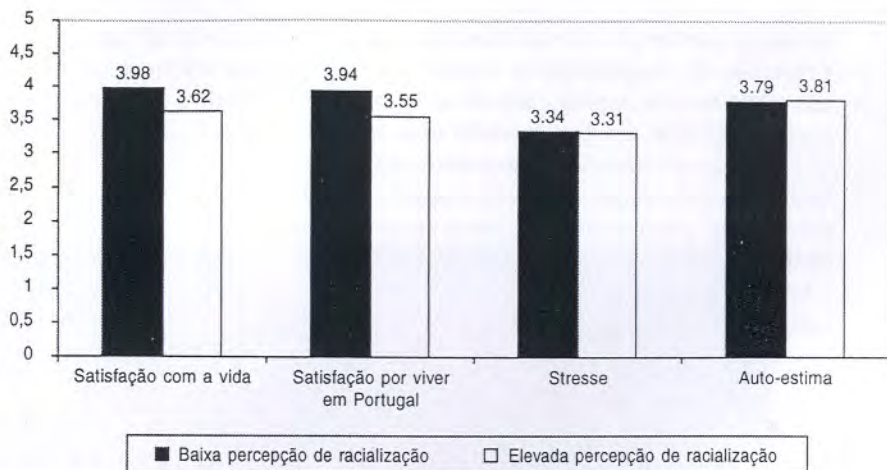


Figura 8.1 Percepção de racialização e bem-estar psicológico (médias)

sua permanência em Portugal, ou seja, quanto mais percebem que são racializados pelos portugueses, menos se sentem satisfeitos.¹⁰

Estes resultados não apoiam a hipótese da “invalidação de juízos e comportamentos discriminatórios”. No entanto, esta hipótese verifica-se a nível dos indicadores de stresse e auto-estima, ou seja, estes são independentes da maior ou menor percepção de racialização¹¹. Desta forma, estes mesmos resultados mostram que os jovens procuram dissociar a sua auto-imagem do preconceito público de que são objecto.

Uma outra análise que realizámos no Capítulo anterior dizia respeito ao impacto da discriminação na acção colectiva. Verificámos que a percepção de discriminação e de ilegitimidade eram indutores de estratégias de acção no sentido da alteração do estatuto do grupo. Esta hipótese, como se referiu, deriva da teoria da identidade social de Tajfel (1982; ver ainda Amâncio, 2000), e é retomada na análise seguinte.

Realizámos uma análise de variância tendo como variáveis independentes a percepção de racialização e de ilegitimidade, e como variável dependente o indicador de acção colectiva¹². Os resultados desta análise mostram um efeito principal da ilegitimidade percebida e um efeito de interacção da ilegitimidade com a percepção de racialização. O efeito prin-

10 Respectivamente, $F(1,374) = 11.55$, $p < 0.00$; $F(1,374) = 13.86$, $p < 0.00$.

11 Respectivamente, $F(1,372) = 0.10$, $p < 0.76$; $F(1,370) = 0.03$, $p < 0.85$.

12 Os indicadores de ilegitimidade percebida e de acção colectiva já foram apresentados no Capítulo anterior.

principal da percepção de racialização não se mostrou significativo.¹³ O efeito principal da ilegitimidade mostra que as pessoas estão mais dispostas a envolver-se em acções colectivas quando percebem a sua situação social como ilegítima, do que quando essa situação é percebida como legítima.¹⁴ O efeito de interacção apresentado na Figura 8.2 mostra, por sua vez, que quando a percepção de racialização é elevada, os jovens manifestam mais orientação para a acção colectiva independentemente da ilegitimidade atribuída à sua situação social. Porém, quando a percepção de racialização é baixa e a situação é percebida como legítima, a orientação para a acção colectiva reduz-se.

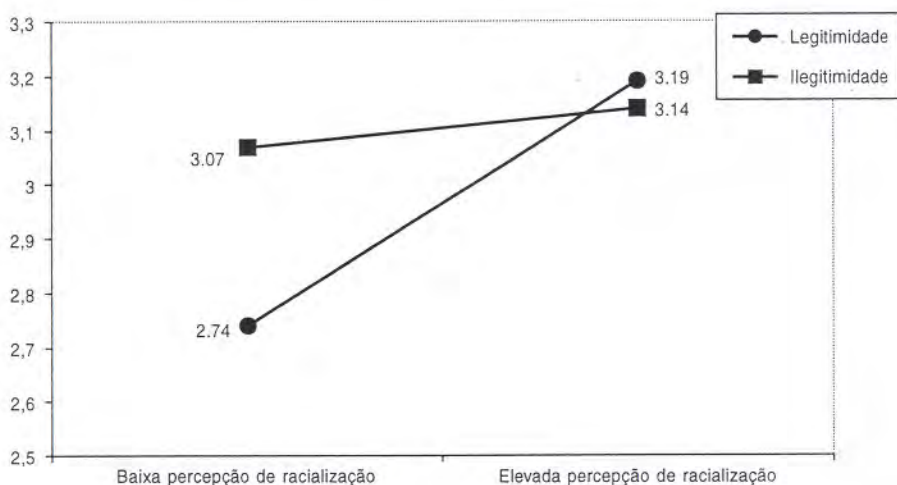


Figura 8.2 Percepção de racialização, ilegitimidade e acção colectiva (médias)

2. Percepção de etnicização

Vimos que os jovens negros consideram que os portugueses “brancos” os racializam. No entanto, a racialização dos grupos humanos não é a única forma de manifestar preconceito e inferiorizar as minorias. Aliás, e como já referimos, a racialização é uma forma anti-normativa de inferiorização do outro. O racismo expressa-se, hoje, de uma forma mais velada, com base

13 Ilegitimidade percebida: $F(1,350) = 9.94, p < 0.00$; percepção de racialização \times ilegitimidade percebida: $F(1,350) = 5.17, p < 0.02$; percepção de racialização: $F(1,350) = 2.72, p < 0.10$.

14 $M = 3.18$ vs. $M = 2.91$.

em critérios de inferiorização cultural (cf., McConahay, 1986; Sears, 1988; Pettigrew e Meertens, 1995; Perez, Mugny, Lavata e Fierres, 1993). Esta nova forma de racismo está associada ao progressivo afastamento do discurso científico, e do senso comum, da ideia de raça como categoria principal de descrição e hierarquização dos grupos humanos, e à sua progressiva substituição pela diferenciação e hierarquização das culturas.

Como referimos anteriormente, o processo de racialização parte de fenótipos com base nos quais se fazem inferências acerca de diferenças profundas ou genóticas (a raça), que permitem explicar diferenças comportamentais. No processo de etnicização passa-se o inverso: parte-se de diferenças comportamentais que são organizadas em categorias culturais, percebidas como "naturais", e das quais se inferem diferenças profundas ou genóticas (a raça) (para uma discussão, ver Vala e Lima, 2002). Classificações baseadas nas diferenças de religião, no individualismo/colectivismo (ver Triandis, Bontempo, Villareal, Asai e Lucca, 1988) ou no motivo de realização (ver McClelland, 1961) são exemplos de diferenciação dos grupos humanos a partir de categorias culturais ou modos de vida, com base nos quais se podem estabelecer hierarquias culturais. Por exemplo, o individualismo é considerado uma forma de concepção do *self* superior à que está associada ao colectivismo. No entanto, para alguns autores, como por exemplo Coender, Scheepers, Sniderman, e Verberk (2001), a acentuação de diferenças culturais é o reflexo da realidade e não uma descrição avaliativas. Contudo, para fundamentar a sua hipótese, estes autores apresentam uma argumentação teórica e empírica inconsistente (para uma crítica fundamentada desta posição, ver Pettigrew e Meertens, 2001), e que vai contra um conjunto muito alargado de estudos (e.g., Arcuri e Boca, 1999; Vala *et al.*, 1999; Rueda e Navas, 1996; Leach, Peng e Volckens, 2000) que mostram que a acentuação de diferenças culturais se encontra associada à inferiorização das culturas percebidas como diferentes, que encerra em si processos avaliativos e que não é, portanto, um simples reflexo interno de uma realidade externa.

Nesta mesma linha, Vala e colegas (1999) argumentam que sendo hoje anti-normativa a inferiorização racial, também o é a inferiorização cultural aberta, pelo que quando as pessoas exprimem e acentuam as diferenças culturais estão, muitas vezes, a inferiorizar o outro de forma velada. Ou seja, quando se diz que os outros são culturalmente diferentes está a dizer-se que a nossa cultura é superior. Os resultados destes autores mostram, de facto, que quanto maior a acentuação de diferenças culturais (um indicador de etnicização), mais negativa a atitude relativamente aos negros e mais clara a orientação para a discriminação deste grupo social a nível das políticas de imigração e do apoio social.

Para analisarmos a percepção de etnicização, utilizámos os indicadores da escala de diferenciação cultural de Vala e colegas, e contrastámos a

eticização de que os jovens “negros” consideram que são objecto com as respostas efectivas dos portugueses “brancos”.¹⁵

As respostas dos portugueses brancos etnicizam, de facto, os “negros”, e os jovens “negros” consideram que o seu grupo é etnicizado. Note-se, contudo, que os jovens consideram que são menos etnicizados do que de facto o são, com excepção do indicador relativo aos “valores e comportamento sexuais” (ver Quadro 8.3).¹⁶ Mas será que os jovens sentem que quando os portugueses os consideram culturalmente diferentes estão a dizer que a sua cultura é inferior, ou seja, sentem que estão a ser discriminados?

Quadro 8.3 Percepção de etnicização (percepção dos jovens “negros” relativamente às repostas dadas pelos portugueses “brancos” e resposta efectiva dos portugueses “brancos”)

	Diferenças nos valores que ensinam aos filhos	Diferenças na religião – crenças ou práticas religiosas	Diferenças nos valores e comportamentos sexuais	Diferenças na preocupação com a educação das crianças	Diferenças na preocupação com o bem-estar das suas famílias
Percepção dos jovens negros	61.13%	53.98%	58.25%	57.52%	56.50%
Resposta efectiva dos portugueses “brancos”	70.3%	65.1%	57.2%	79.9%	61.6%

Para analisar a relação entre a percepção de atribuição de diferenças culturais e a percepção de discriminação, construimos um índice de percepção de etnicização¹⁷ que correlacionámos, posteriormente, com as medidas de discriminação que temos vindo a utilizar. A matriz de correlações destas variáveis é apresentada no Quadro 8.4.

Como se pode observar, a percepção de etnicização encontra-se associada aos indicadores de discriminação, especialmente à discriminação grupal, à privação salarial e institucional e ao indicador de injustiça procedimental.¹⁸ Mais interessante será notar que estas correlações não são,

15 No nosso questionário, perguntámos aos inquiridos: “Qual a percentagem de portugueses “brancos” acha que responderam que os “negros” eram diferentes deles no que toca a: valores que ensinam aos filhos; religião – crenças ou práticas religiosas; valores e comportamentos sexuais; preocupação com a educação das crianças; preocupação com o bem-estar das suas famílias”.

16 $t(384) = 1.29; p < 0.199$.

17 O índice de percepção de etnicização foi construído através da soma relativa dos indicadores de percepção de diferenças culturais que os jovens negros consideram que os portugueses “brancos” lhes atribuem.

Quadro 8.4 Correlação entre a percepção de etnicização e a percepção de discriminação

	Discriminação pessoal	Discriminação grupal	Privação relativa salarial	Privação relativa institucional	Injustiça procedimental
Percepção de etnicização	0.17 p < 0.00 N = 384	0.24 p < 0.00 N = 362	0.19 p < 0.00 N = 374	0.22 p < 0.00 N = 379	0.20 p < 0.00 N = 372

em geral, inferiores às correlações que obtivemos no caso da percepção de racialização. Estes resultados mostram, assim, que quando os jovens consideram que os portugueses “brancos” os vêem como culturalmente diferentes, entendem que estes os estão a estigmatizar e a inferiorizar. Para além disso, calculámos a correlação entre a percepção de racialização e de etnicização, sendo o valor encontrado para esta correlação bastante elevado neste tipo de estudos e mostrando, por isso, que estas duas dimensões são percebidas como fazendo parte do mesmo fenómeno de inferiorização.¹⁹

Como no caso da percepção de racialização, também a percepção de etnicização se encontra associada à identificação primária, sendo que os que se auto-categorizam como africanos, “país de origem”, e como “negros” (identidade racial) consideram-se mais etnicizados do que os que se auto-categorizam como portugueses²⁰.

No plano das consequências da percepção de etnicização, e como se pode observar na Figura 8.3, os jovens “negros” que se percebem etnicizados por parte dos portugueses “brancos” sentem-se mais insatisfeitos com a sua vida e por viver em Portugal,²¹ embora, e de acordo com o modelo da “invalidação de juízos e comportamentos discriminatórios”, não se verifiquem efeitos no stress e na auto-estima.²² Ou seja, os jovens procuram dissociar a sua imagem pessoal do processo de etnicização. Este é visto como um resultado do preconceito e, portanto, como inválido, embora não deixe de se reflectir na avaliação que os jovens fazem da sua vida em Portugal.

18 Quanto mais elevados os valores dos indicadores de privação relativa intergrupala, privação salarial, privação institucional e justiça procedimental, maior o sentimento de privação.

19 Correlação entre percepção de etnicização e percepção de racialização: $r = 0.38$, $p < 0.00$. No estudo sobre o racismo já referido, a correlação entre o índice de racialização e etnicização foi de 0.33, $p < 0.00$, correlação que presta suporte à hipótese de que a diferenciação cultural e racial não são dimensões independentes da representação sobre o outro, e podem ser vistas como duas dimensões de racismo.

20 $F(4, 356) = 2.69$, $p < 0.03$; $M_{\text{Africano}} = 60.36a$; $M_{\text{País de origem}} = 57.94a$; $M_{\text{Português}} = 44.44b$; $M_{\text{Luso-africano}} = 59.06a$; $M_{\text{Racial (negro)}} = 58.95ab$. Categorias identitárias com letras diferentes são significativamente diferentes entre si; teste de Tukey, $p < 0.05$.

21 Respectivamente, $F(1,380) = 4.80$, $p < 0.03$; $F(1,379) = 5.80$, $p < 0.02$.

22 Respectivamente, $F(1,378) = 0.84$, $p < 0.361$; $F(1,373) = 0.63$, $p < 0.43$.

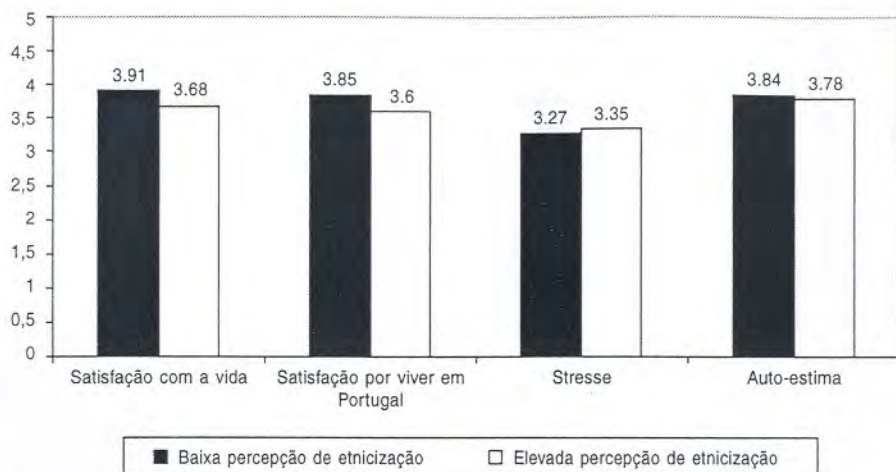


Figura 8.3 Percepção de etnicização, bem-estar psicológico dos jovens “negros” (médias)

Quadro 8.5 Percepção de etnicização, de ilegitimidade e acção colectiva (análise de variância)

Efeitos	F	gl	p
Percepção de etnicização	6.98	1.353	0.01
Legitimidade percebida	15.93	1.353	0.00
Percepção de racialização x legitimidade percebida	0.56	1.353	0.46

A nível da orientação para a acção colectiva, os jovens que consideram que os portugueses “brancos” os etnicizam, e que consideram ilegítima a situação social dos negros, estão mais dispostos a agir no sentido de mudar a situação social do seu grupo.²³

Em resumo, mostrámos que os jovens inquiridos percebem a existência de uma lógica de diferenciação baseada na percepção de diferenças raciais e culturais expressas pelos portugueses brancos, e que consideram que esta lógica de diferenciação encerra uma intenção de discriminação e de inferiorização. Mostrámos, ainda, que estes jovens consideram que são mais racializados do que etnicizados, embora de facto, e de acordo com a norma anti-racismo flagrante, sejam mais etnicizados do que racializados. De qualquer forma, quer a percepção de que se é alvo de etnicização, quer de que se é alvo de racialização, é entendida como uma forma de discriminação, está associada à insatisfação e predispõe para a acção colectiva.

23 Respectivamente M = 3.19 vs. M = 2.87 e M = 3.13 vs. M = 2.92.

No ponto seguinte, vamos analisar a associação entre as percepções de racialização e etnicização e as estratégias de relação cultural com a sociedade portuguesa.

3. Percepção de racialização e percepção de etnicização e estratégias de relação com a sociedade portuguesa

As relações de um imigrante com a sociedade de acolhimento implicam dois processos paralelos: por um lado, o processo de aprendizagem das normas da nova sociedade; e, por outro, a receptividade da sociedade de acolhimento aos imigrantes. Contudo, a estes é-lhes, ainda, exigido um esforço adicional: o de lidar com o abandono do seu país de origem, com todas as consequências psicológicas daí decorrentes, e o de dar entrada numa nova sociedade percebida como estranha e diferente (a este respeito ver Moscovici e Perez, 1999). Analisaremos, assim, as “relações culturais” dos jovens “negros” com a sociedade portuguesa, relações estas que se revestem de alguma especificidade já que muitos destes jovens nasceram em Portugal, possuem, em muitos dos casos, nacionalidade portuguesa e já foram socializados num contexto cultural português. Assim, os processos relacionais que analisaremos de seguida podem evidenciar não uma orientação para a adaptação, tantas vezes própria dos imigrantes de primeira geração, mas sim um questionar desta adaptação ou, até mesmo, de uma reacção às pressões sociais e familiares para a adaptação ou para a integração na sociedade portuguesa. Desta forma, o posicionamento dos jovens não pode deixar de ser, em alguma medida, reactivo, e os factores estruturantes dessa reactividade poderão ser, entre outros, as percepções de etnicização e de racialização.

Existem diversos modelos que permitem caracterizar as relações dos imigrantes com as sociedades de acolhimento (para uma revisão ver Liebkind, 2001; Bourhis, Moïse, Perreault e Senécal, 1997), entre eles o modelo da aculturação psicológica de Berry (1997). Este autor propõe que as estratégias de relação cultural podem assumir quatro modalidades, resultantes de duas perguntas que os imigrantes se colocam quando se confrontam com uma nova sociedade: “É importante manter relações com a maioria?” e “É importante manter a identidade e as características próprias do meu grupo?”. No Quadro 8.6, apresentamos as estratégias decorrente da resposta a estas duas questões.

Como se pode observar, as quatro estratégias resultantes do cruzamento das duas questões referidas anteriormente são: a separação, isto é, o fechamento do grupo na sua própria cultura; a assimilação, que compreende a sujeição da cultura original do grupo à cultura da sociedade de acolhimento; a integração, isto é, a defesa da cultura própria e o respeito pela

Quadro 8.6 Estratégias de relação das minorias com a sociedade de acolhimento

		É importante a manutenção da identidade e das características próprias do meu grupo?	
		Sim	Não
É importante a manutenção das relações com a maioria	Sim	Integração	Assimilação
	Não	Separação	Marginalização

cultura da sociedade de acolhimento; e a marginalização, caracterizada por um estado de alienação psicológica decorrente da perda de quaisquer referentes culturais (quer do próprio grupo, quer da sociedade de acolhimento).

De acordo com os resultados de estudos realizados com este modelo (e.g., Berry, 1984; 1992), o melhor equilíbrio nas relações intergrupais em sociedades ou contextos sociais marcados pela diversidade cultural pode ser conseguido através de estratégias de integração: os grupos minoritários conservam do seu património cultural e, ao mesmo tempo, respeitam e adoptam os valores da sociedade de acolhimento. Esta estratégia jogaria, assim, numa tensão entre assimilação (na linha da hipótese da semelhança-atracção; cf. Rokeach, 1960) e diferença (na linha da hipótese da diferenciação social da teoria da identidade social; Tajfel, 1982). A estratégia de integração, porém, apenas envolve adaptação da minoria à maioria e, provavelmente, esta estratégia acaba por criar novos desequilíbrios decorrentes das dificuldades psicológicas e sociais associadas a essa adaptação unidireccional.

Este modelo possui ainda outras limitações. Enquanto que neste modelo as estratégias de aculturação são vistas como estáveis e estanques, apesar de consideradas como "ideais-tipo", um certo número de pesquisas tem mostrado que os indivíduos se encontram, muitas vezes, na confluência de duas ou mais estratégias e que estas devem ser vistas como contextuais e não como trans-situacionais (e.g., Khan e Vala, 1999). Por outro lado, a estratégia de marginalização encontra-se insuficientemente definida e corresponde mais a um estado psicológico de alienação, e menos a uma estratégia de acção. Aliás, a dissociação do endogrupo e do exogrupo subjacente à estratégia de marginalização pode mostrar que as pessoas preferem definir-se como indivíduos mais do que como membros de grupos sociais, o que indicaria uma orientação de tipo "individualista" (em oposição ao "colectivismo") (cf., Bourhis *et al.*, 1997).²⁴ Por outro lado ainda, este modelo

24 Utilizamos, aqui, o conceito de "individualismo" no sentido de Triandis e colegas (1988), isto é, uma orientação para a independência relativamente ao grupo. A este conceito opõe-se o de colectivismo que designa um sentimento de interdependência percebida entre o "eu" e o grupo.

não é um modelo relacional: considera que as estratégias das minorias dependem, apenas, dos seus próprios projectos e não das estratégias das maiorias.

Neste sentido, Bourhis e colegas (1997) propõem um outro modelo que coloca a tónica na forma como a maioria olha para a relação da minoria com a sociedade de acolhimento. Neste sentido, à semelhança do modelo de Berry, estes autores colocam duas questões que dão origem a quatro estratégias da comunidade de acolhimento relativamente à aculturação: "Aceita-se que o grupo minoritário adopte a cultura da sociedade de acolhimento?" e "Pretende-se que o grupo minoritário conserve a sua identidade?"

Como se pode observar no Quadro 8.7, as respostas da maioria resultam em tipos de relações paralelos aos propostos por Berry. Contudo, em nosso entender, a estratégia de separação de Berry e as estratégias de segregação e exclusão de Bourhis e colegas são muito semelhantes, quer nas suas consequências, quer nas suas raízes. De facto, podemos associar estas estratégias aos dois tipos de percepção de diferenças que descrevemos acima: a percepção de racialização e a percepção de etnicização. Quando a maioria considera que a minoria deve conservar a sua identidade e não deve adoptar a cultura da sociedade de acolhimento, não assentará essa posição na percepção da incapacidade da minoria, por razões genéticas ou culturais, de se adaptar à cultura maioritária, ou no medo de que a inferioridade da minoria possa contaminar o protótipo da cultura da maioria?

Quadro 8.7 Estratégias da maioria relativamente às minorias presentes na sociedade de acolhimento

		Pretende-se que o grupo minoritário conserve a sua identidade?	
		Sim	Não
Aceita-se que o grupo minoritário adopte a cultura da sociedade de acolhimento?	Sim	Integração	Assimilação
	Não	Segregação (racialização e/ou etnicização)	Exclusão (racialização e/ou etnicização)

Por outro lado, e ao nível das minorias, a adopção de uma estratégia de separação terá subjacente uma rejeição da cultura maioritária, decorrente da percepção de que se é racializado ou etnicizado. Para analisar esta última hipótese, relacionámos as estratégias de aculturação de Berry com os indicadores de racialização e de etnicização, bem como com os outros indicadores de discriminação social que temos vindo a utilizar.

Análise das estratégias de relação com a sociedade portuguesa

Para estudar as estratégias de aculturação propostas por Berry, adaptámos um conjunto de indicadores retirados da sua escala original (Berry, Kim,

Power, Young e Bujaki, 1989). Com base na adequação ao presente contexto de inquirição, seleccionamos três itens relativos a cada uma das estratégias²⁵. A assimilação foi avaliada através dos seguintes indicadores: "Ensinar às crianças somente os valores e costumes africanos só serve para criar barreiras. Eu acho que as nossas crianças devem aprender a ter valores e costumes iguais às crianças portuguesas «brancas»"; "Os festivais de cultura africana dificultam a nossa aceitação"; e "Vivemos em Portugal, o que significa que devemos adoptar o estilo de vida português". No que diz respeito à separação, utilizámos como indicadores: "É importante para os «negros» rodearem as suas crianças com arte, música e literatura «negra»"; "Os estudantes «negros» seriam melhor sucedidos se frequentassem escolas dirigidas e organizadas por negros"; e "«Negros» e «brancos» nunca poderão viver em harmonia devido às suas diferenças". Os indicadores da integração são: "Para sermos bem sucedidos, necessitamos de participar na vida da sociedade portuguesa, mas mantendo a cultura e herança africanas"; "Podemos manter a nossa herança cultural e o nosso estilo de vida africano e, ao mesmo tempo, participar na vida da sociedade portuguesa"; e "As relações que mantenho com outros africanos são tão importantes quanto as relações que mantenho com os portugueses brancos". Finalmente, a marginalização foi avaliada através dos indicadores: "É muito difícil trabalhar com outras pessoas, na medida em que a maioria delas são egoístas"; "Muitas vezes sinto-me mal porque não consigo exprimir verbalmente os meus sentimentos e pensamentos"; e "Muitas vezes penso que já não sou nem africano nem português".²⁶

Para a avaliar a organização interna destes indicadores, realizámos uma análise factorial em componentes principais, com rotação *varimax*. Os resultados desta análise factorial são apresentados no Quadro 8.8.

Este Quadro mostra que os indicadores seleccionados se organizam em torno de quatro factores. A consistência interna dos índices construídos com os indicadores mais saturados em cada factor é, no entanto, muita baixa, mesmo considerando o seu reduzido número. De qualquer forma, esta análise factorial mostra que os jovens organizam as crenças relativas à integração na sociedade portuguesa não em torno de "estratégias puras", mas sim com base em cruzamentos entre estilos de relação.²⁷

25 Note-se que a escala dos estilos de relação com a sociedade de Berry foi desenvolvida no Canadá, existindo diversas questões que não se adaptam às características culturais da nossa sociedade.

26 Todos os itens foram medidos através de escalas de 5 pontos: (1) Discordo totalmente a (5) Concordo totalmente.

27 Resultados semelhantes foram, também, obtidos, ainda que utilizando procedimentos metodológicos diferentes, por Khan e Vala (1999).

Quadro 8.8 Análise factorial em componentes principais das estratégias de relação com a sociedade portuguesa

Indicadores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Podemos manter a nossa herança cultural...	0.72	-0.27	0.03	0.12
Os festivais de cultura e música africana dificultam...	-0.63	0.02	0.28	0.12
Para sermos bem sucedidos, necessitamos de participar...	0.55	0.07	0.26	-0.07
Os estudantes "negros" seriam melhor sucedidos...	0.04	0.87	-0.06	0.1
"Negros" e "brancos" nunca poderão viver em harmonia...	-0.20	0.75	0.19	-0.12
Muitas vezes sinto-me mal porque não consigo exprimir...	-0.09	0.05	0.68	-0.34
Ensinar às crianças somente os valores e costumes africanos...	-0.05	-0.08	0.63	0.23
É muito difícil trabalhar com outras pessoas...	0.23	0.23	0.55	0.05
Vivemos em Portugal, o que significa que devemos adoptar...	0.14	-0.05	0.12	0.79
Muitas vezes penso que já não sou nem africano nem português	-0.33	0.04	-0.08	0.57
Variância explicada	14.61%	14.55%	13.60%	11.75%

O primeiro factor cruza a orientação para a assimilação com orientações para a integração; o segundo factor compreende, apenas, indicadores de separação; e, por último, o terceiro e quarto factores compreendem indicadores de marginalização e assimilação (Quadro 8.9). Apenas a estratégia de separação é bem identificada pela análise factorial que realizámos.

Quadro 8.9 Significado dos factores extraídos pela análise factorial em componentes principais

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Estratégias	Assimilação + integração	Separação	Marginalização + assimilação	Marginalização + assimilação

Perante estes resultados, e para prosseguirmos à análise das nossas hipóteses, decidimos recorrer a índices que agregam os indicadores tal como proposto pelo modelo de Berry. Contudo, não vamos considerar a estratégia de marginalização por acharmos, como dissemos atrás, que ela não é uma estratégia, mas um estado de alienação psicológica ou uma orientação "individualista". Não considerámos, também, as perguntas relativas à estratégia de assimilação por o respectivo coeficiente de consistência interna ser muito baixo.

Discriminação e estratégias de relação com a sociedade portuguesa

Para analisarmos a forma como a discriminação, nomeadamente as percepções de etnicização e racialização, se encontra associada à escolha de estratégias de aculturação na sociedade portuguesa, correlacionámos estas estratégias com as medidas de discriminação. As correlações resultantes podem ser observadas no Quadro 8.10.

Uma leitura do Quadro 8.10 permite-nos concluir que, de acordo com as nossas hipóteses, a estratégia de separação encontra-se associada à discriminação económica e institucional e à percepção de racialização e de etnicização. Quer dizer, quanto mais os jovens negros se sentem privados relativamente ao grupo dos portugueses “brancos”, quanto mais sentem que o seu salário é inferior ao dos portugueses, quanto mais sentem que as instituições portuguesas os tratam com desrespeito e quanto mais percebem que os portugueses “brancos” os etnicizam e racializam, mais optam por uma estratégia de separação, uma estratégia que envolve o fechamento sobre a cultura do grupo e a recusa da cultura maioritária. Por outro lado, verifica-se que a estratégia de integração é mais provável entre aqueles que consideram que são tratados de forma neutra e justa pelas instituições portuguesas. Este resultado, apesar de não previsto pelas nossas hipóteses, é coerente com o significado desta estratégia.²⁸

Quadro 8.10 Estratégias de relação com a sociedade e discriminação (correlações)

	Separação	Integração
Privação relativa institucional	0.27 p < 0.00 n = 369	0.02 p < 0.74 n = 380
Privação relativa salarial	0.15 p < 0.00 n = 364	0.04 p < 0.47 n = 375
Injustiça procedimental	0.19 p < 0.00 n = 362	-0.25 p < 0.00 n = 377
Percepção de etnicização	0.18 p < 0.00 n = 365	-0.09 p < 0.07 n = 376
Percepção de racialização	0.11 p < 0.04 n = 359	-0.03 p < 0.58 n = 371

28 Uma vez não ter sido possível identificar as estratégias com base na análise factorial, estes resultados devem ser lidos com precaução.

Estudámos, ainda, as consequências das estratégias de relação dos jovens negros com a sociedade portuguesa ao nível do seu bem-estar psicológico e da acção colectiva. As análises de variância realizadas, e apresentadas no Quadro 8.11, mostram, apenas, efeitos das estratégias sobre a auto-estima e, tendencialmente, sobre a satisfação com a vida. Relativamente à auto-estima, a estratégia de separação está associada a uma auto-estima mais baixa, o que se compreende pelo facto de esta estratégia induzir maior tensão psicológica e ser mais adoptada pelos que se sentem objecto de injustiça, de racialização e de etnicização.

No que diz respeito à satisfação com a vida, podemos observar que os jovens "negros" que adoptam uma estratégia de "integração" se sentem, tendencialmente, mais satisfeitos do que os jovens que optam pela "separação".

Quadro 8.11 Relação com a sociedade portuguesa, bem-estar psicológico dos jovens "negros" e participação política (análises de variância)

Variável independente	Satisfação com a vida ²⁹	Satisfação por viver em Portugal ³⁰	Stresse ³¹	Auto-estima ³²	Acção colectiva ³³
	Médias	Médias	Médias	Médias	Médias
Relação com a sociedade portuguesa:					
1 - Integração	3.91	3.66a	3.51	4.08a	3.33
2 - Separação	3.56	3.63a	3.27	3.56b	3.20

Síntese e conclusões

Em trabalhos anteriores sobre o racismo anti-negro evidenciámos, com base em argumentos teóricos e empíricos, que se verifica, hoje, uma deslocação das formas abertas de expressão do racismo para formas mais subtis de discriminação racial. De acordo com a nossa hipótese, estas formas mais subtis assentam numa nova representação social (Moscovici, 1961) sobre as diferenças entre grupos humanos, que não inferioriza, abertamente, a cultura do outro, limitando-se a acentuar as diferenças culturais. Mostrámos, então, nesses mesmos estudos, que esta acentuação das diferenças culturais (ou

29 $F(1,118) = 3.13, p < 0.08.$

30 $F(1,118) = 0.13, p < 0.91.$

31 $F(1,115) = 2.62, p < 0.11.$

32 $F(1,112) = 16.16, p < 0.00.$

33 $F(1,117) = 1.18, p < 0.28.$

eticização) se encontrava associada a uma atitude negativa face aos “negros” e a orientações para a discriminação no domínio das políticas de imigração, das políticas sociais, das políticas sobre os direitos dos imigrantes, etc. Salientámos, ainda, que a sociedade portuguesa etniciza mais os “negros” do que os racializa.

Neste estudo, verificámos que os jovens inquiridos consideram que são racializados pelos portugueses “brancos”, que os consideram uma “raça menos dotada” e que desejam “preservar a pureza da raça branca”. Estes jovens consideram, também, que são etnicizados, quer dizer, que os portugueses “brancos” acham que eles são diferentes nos valores que ensinam aos filhos, na religião e nas suas práticas religiosas, nos valores e comportamentos sexuais, na preocupação com a educação das suas crianças e com o bem-estar das suas famílias. Note-se, contudo, que os portugueses os racializam menos do que aquilo que os jovens consideram, e os etnicizam mais do que aquilo que eles acham.

De qualquer forma, a correlação entre as percepções de racialização e de etnicização dos jovens é significativa, mostrando que estes dois processos fazem parte de um mesmo fenómeno. Em nosso entender, estamos perante duas expressões do fenómeno de inferiorização do outro. Os resultados que obtivemos mostram, de facto, que a percepção de racialização e a percepção de etnicização não só se encontram correlacionadas entre si, como se associam igualmente a medidas de discriminação, por exemplo a percepção de discriminação pessoal, a percepção de discriminação grupal, a privação relativa institucional e a percepção de injustiça procedimental. Da mesma forma, a percepção de racialização e a percepção de etnicização influenciam negativamente a expressão dos jovens relativamente à satisfação com a vida e à satisfação por viver em Portugal. Ao mesmo tempo, estas percepções de inferiorização biológica e cultural são indutoras de orientações para a acção colectiva, no sentido de mudar o estatuto do grupo e de eliminar as desigualdades sociais.

Como se referiu, quando os jovens “negros” sentem que são considerados diferentes não sentem que esta diferença é objecto de uma avaliação pública positiva, mas sim que esta mesma diferença é um estigma. Por outro lado, sabemos também que estes mesmos jovens procuram uma distintividade cultural acentuando as diferenças. Do confronto destes dois fenómenos podem decorrer novos problemas.

Neste capítulo analisámos, ainda, a associação entre a percepção de etnicização e de racialização e as estratégias de relação com a sociedade portuguesa. Como referimos, estas estratégias não são independentes das expectativas da maioria relativamente aos jovens “negros”. Quando a maioria os etniciza e os racializa está a dizer que os deseja segregar ou mesmo excluir, o que pode levar os jovens a adoptar uma estratégia de separação, isto é, uma estratégia de exacerbamento da sua diferença e,

simultaneamente, uma recusa das relações com a maioria e da sua cultura. Os nossos resultados sugerem, de facto, que a percepção de etnicização e de racialização podem facilitar a adopção da separação como estratégia de relação cultural. Finalmente, a análise das consequências psicológicas das várias estratégias de relação dos jovens "negros" com a sociedade portuguesa salientam que aqueles que adoptam uma estratégia de separação mostram uma auto-estima menos elevada e também, embora de forma apenas tendencial, menor satisfação com a vida. O conjunto destes resultados indica, portanto, que devemos continuar a estudar as novas formas de inferiorização das minorias, mas conferindo especial relevo à forma como estas mesmas minorias entendem este processo de inferiorização, e desenvolvem estratégias de relação com as maiorias.